



Diálogos

ISSN 2177-2940



As doenças têm história.

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v25i2.61593>

Christian Fausto Moraes dos Santos

 <https://orcid.org/0000-0002-7537-4547>

Universidade Estadual de Maringá, Brasil. E-mail: cfmsantos@uem.br

Renato da Silva

 <https://orcid.org/0000-0002-2469-0160>

Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias - RJ, Brasil. E-mail: redslv@unigranrio.edu.br

Apresentação

Em *As doenças têm história*, Jacques Le Goff (1997) baliza alguns dos paradigmas que irão nortear o historiador que pretende adentrar esse campo da condição humana. Para Le Goff, o fenômeno doença não poderia ser circunscrito a uma história dos progressos científicos e tecnológicos. De fato, a história de uma doença também deve ser a história dos saberes e das práticas culturais que se encontram conectadas às suas respectivas estruturas sociais, instituições, representações, mentalidades (LE GOFF, 1997, p. 7-8). A partir de diferentes abordagens e recortes temporais, os pesquisadores que compõem o Dossiê aqui apresentado buscam analisar e contextualizar as diferenças circunstâncias em que doença, anormalidade e patologia surgem.

Em “**Loucura como doença, estigmatização e literatura: uma análise da produção intelectual em instituições psiquiátricas – Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha**”, os autores Renato da Silva, Daniele Ribeiro Fortuna e Rosane Cristina de Oliveira apresentam uma análise entrelaçando a loucura no campo do estigma, da doença e a produção intelectual nascidas de dentro das instituições psiquiátricas, escritas por aqueles que, em função de um diagnóstico, enfrentaram a abjeção. Para tal abordagem, os autores analisaram os diários de Maura Lopes Cançado, Stela do Patrocínio e Albertina Borges da Rocha, destacando, em suas narrativas, as aproximações e distanciamentos no que concerne às vivências nas instituições psiquiátricas.

O pesquisador Wellington Bernardelli Silva Filho se propõe a analisar o importante fenômeno do intercâmbio botânico durante a Era Moderna, bem como este estimulou, também, o transporte de práticas e saberes tradicionais, empregados historicamente em seus usos. Partindo desta ideia, o artigo **“A trajetória da ipecacuanha na Europa: os usos de uma raiz colonial contra a disenteria na época Moderna”** busca compreender como a ipecacuanha, planta usada pelos povos originais em seus processos de cura, foi assimilada e adaptada pela medicina europeia no tratamento da disenteria. Para a realização desta investigação, Wellington Bernardelli analisou fontes documentais que se estendem das crônicas produzidas pelos viajantes do primeiro século de colonização das Américas aos estudos médicos e botânicos europeus do século XVIII.

No artigo **“A hanseníase no Espírito Santo a partir dos prontuários dos internos da Colônia de Itanhenga”**, o pesquisador Sebastião Pimentel Franco procura traçar um perfil dos internos da Colônia de Itanhenga em Cariacica, Estado do Espírito Santo entre 1937, ano de sua fundação, até 1962, quando a internação compulsória de hansenianos foi extinta no Brasil. Analisando cerca de 685 prontuários dos internos da Colônia, além de outras fontes - entre elas as correspondências expedidas e recebidas da direção da Colônia, Livro de Termos e de Causas Criminais, depoimentos de ex-internos e periódicos do período -, o autor busca trazer à luz, através do registro de inúmeras passagens pelo confinamento, as normas da internação compulsória, as formas de tratamento que recebiam os internos, suas reações ao confinamento, as punições a que eram submetidos ao quebrarem as normas, enfim, o cotidiano institucional.

Uma relevante análise comparativa de pandemias e epidemias que atingiram a Bahia a partir do século XX é feita pela pesquisadora Christiane Maria Cruz de Souza no artigo **“Da gripe espanhola à COVID-19: uma análise comparativa de epidemias e pandemias do século XX ao XXI”**. A autora propõe evidenciar os pontos de contato e as divergências entre tais pandemias e epidemias, considerando-se os diferentes contextos em que as doenças irromperam e se propagaram. Para tal investigação, foram utilizadas fontes primárias, literatura especializada em história da saúde e das doenças, bem como notícias veiculadas pela imprensa brasileira no curso da pandemia de COVID-19.

O pesquisador Ricardo dos Santos Batista, no artigo **“A peste bubônica em Salvador (1928): reflexões sobre uma epidemia”**, propõe uma análise em três dimensões sociais deste evento epidêmico, ocorrido na capital da Bahia em inícios do século XX. Santos aborda o conhecimento científico, as disputas políticas e as ações do estado adotadas durante a crise gerada pela epidemia de peste bubônica. As fontes utilizadas foram os periódicos soteropolitanos como *Diário da Bahia*, *Diário de Notícias* e *A Tarde*, teses da Faculdade de Medicina da Bahia e

relatórios da Secretaria de Saúde e Assistência Pública.

Em *“Incessantes desgostos vinham todos os dias aumentar os meus sofrimentos: as disputas entre um médico ofendido e o presidente da Província de Pernambuco (1856)”*, os pesquisadores Jucieldo Ferreira Alexandre e Paulo H. Fontes Cadena nos apresentam os conflitos envolvendo o médico Joaquim de Aquino Fonseca e José Bento da Cunha Figueiredo, presidente da Província de Pernambuco. Os autores, então, apresentam um emblemático caso de crise sanitária agravada por uma crise política. Em meio a uma grave epidemia de cólera, em 1856, as duas autoridades se indispuseram ao ponto de a Comissão de Higiene Pública solicitar afastamento coletivo. Utilizando como fonte documental um manuscrito redigido pelo próprio Aquino Fonseca, Alexandre e Cadena analisam 24 acusações ao chefe do executivo provincial, dando a entender que Figueiredo atuou contra os ordenamentos sanitários imperiais, atentando contra a salubridade pública, a autoridade dos médicos, favorecendo a ação de charlatões durante a crise epidêmica.

O artigo *“Doença: a luz no fim do túnel”*, dos investigadores Maria Regina Cotrim Guimarães e Edgard de Assis Carvalho, discute, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, os resultados de pesquisa realizada no Laboratório de Pesquisa Clínica IST/AIDS, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, da Fiocruz. São narrativas de sofrimento que expõem a trajetória de vida de uma parcela importante da população trans, bem como suas sexualidades, condições de saúde, doenças, perspectivas, agravadas pela pandemia da COVID-19.

Assim, a publicação deste dossiê espera contribuir para pesquisas e discussões quem inter-relacionam doença e História. Boa leitura!

Christian Fausto Moraes dos Santos

Renato da Silva

Organizadores

Referência

LE GOFF, Jacques (org). *As doenças têm História*. Trad. de Laurinda Bom. Lisboa, Editora Terramar, 1997.